

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral

Propriedade da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

www.comunhaolisboa.com

e-mail : ceclx@sapo.pt

ANO 41

2023

Nº. 252

NOVEMBRO - DEZEMBRO

(Não aderimos ao último acordo ortográfico)

Propriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão : Rua das Pedralvas, nº. 1-A 1500-487 Lisboa Telefone : 217647441 *	Índice	Página
	Editorial	2
	Cristo	7
	Jesus hoje!	9
	Amai bastante	11
	Natal Espírita	15
	A Manjedoura	19
Director Responsável:	Crónica de Natal	21
Manuela Vasconcelos	Um sonho no Natal	24
	Apascenta o meu Rebanho	30
*	Apelo	35

EDITORIAL

Ao iniciarmos esta nossa conversa, começamos por informar que não somos política e, das vezes em que intentámos debruçar-nos sobre um e outro assunto, tendo por base a mesma, ficámos ainda a perceber menos, de maneira que nos mantemos afastada do tema, ainda que intentemos estar sempre actualizada sobre o que vai acontecendo... no mundo e não só.

Vem este introito a propósito do tema triste de mais uma guerra – desta vez a de Gaza/Israel. Porque, de há longos anos a esta parte, temos tentado acompanhar o que se passa naquele País que consideramos diferente de todos os outros, por ter sido aquele que o Governador Espiritual da Terra escolheu para nele viver... (porque era aquele que mais O precisava) e acompanhamo-lo deste terminus da 2ª Grande Guerra e da maneira como os políticos daquela época decidiram como ficaria a Palestina, e quem a governaria. Ben-Gurion, que tanto quanto nos lembramos, foi o seu 1º Presidente, aceitou aquele “pedaço de terra” e com todos os elementos que foi escolhendo, tentou fazer a progredir e crescer, transformando o deserto de algumas localidades em terras produtivas, canalizando para ali a água que não existia então. Mas, a par do crescimento do país, foi estando sempre atento, porque sempre houve quem quisesse aquele pedaço de terra que uns e outros procuravam manter com esforço por vezes hercúleo, para o qual toda a população contribuía... desde os mais velhos até toda e qualquer criança que pudesse ajudar.

Não sei se por tomar conhecimento do esforço de toda a população, unida num amor idêntico ao país que lhes fôra concedido, ou se pela lei da reencarnação já teremos tido a oportunidade de ali

viver alguma vez, ou se, apenas por sabermos e amarmos o “Homem de Nazaré” que ali nasceu, viveu e ‘morreu’ por amor de toda a Humanidade, sentimos um carinho especial por aquele país: foi ali que Jesus, o Divino Amigo, viveu!

Então, esta guerra de agora - mais uma - novamente nos aproximou daquelas terras, enquanto vamos repetindo para nós próprios a pergunta que já se tornou uma constante: porque é que “eles” não conseguem ter paz? Porquê esta perseguição, este destruir, este sangue derramado que volta não volta acontecem? E tentamos descobrir a resposta, baseada sempre na paz que ali devia existir devido ao facto de ser... a terra de Jesus!

Na nossa condição de ser ainda imperfeito procuramos respostas que não conseguimos encontrar porque, para nós, o facto de ter sido a localidade onde o Divino Amigo viveu devia – na nossa modesta opinião – estar sempre preservada de ataques, do mal... da guerra, em suma! Porque é que assim não acontece?

*

Nas horas vagas que vamos tendo ou criando começámos a reler os primeiros livros que desfolhámos, a par do estudo que, ainda hoje, continuamos a fazer da Codificação, estando a “retomar conhecimento” com o belo livro que é o “Há dois mil anos”, ditado pelo Espírito Emmanuel e psicografado pelo querido médium brasileiro que foi Francisco Cândido Xavier. Quem já o leu deve lembrar-se: há naquela obra um capítulo em que Jesus se aproxima de Públio Lentulus, o senador romano que o procura a pedido da esposa, para que interceda pela cura da filhinha, que se encontra leprosa. Por amor à esposa e à filhinha, ele vai, mas a contra-gosto: no seu orgulho sente-se rebaixado por ir procurar um homem, a seu ver sem qualquer espécie de valor, ainda mais para lhe fazer um

pedido... Depois, não conhece o aramaico e não sabe em que língua lhe falar e quando o avista ao longe, não consegue levantar-se para ir ao encontro daquela “personagem, inconfundível e única.” Tratava-se de um homem ainda moço, que deixava transparecer nos olhos, profundamente misericordiosos, uma beleza suave e indefinível. Longos e sedosos cabelos molduravam-lhe o semblante compassivo, como se fossem fios castanhos, levemente dourados por luz desconhecida. Sorriso divino, revelando ao mesmo tempo bondade imensa e singular energia, irradiava da sua melancólica e majestosa figura uma fascinação irresistível”.

São as palavras de Jesus que trazemos para o hoje porque, pensando na maneira como parte daquele povo – os “grandes” da época O trataram, perguntamo-nos se não estarão ainda, país e povo, a remirem a conduta de então.

Ele disse, para o homem orgulhoso que não queria mudar a sua maneira de ser:

- “Senador, porque me procuras? E espriando o olhar profundo na paisagem, como se desejasse que a sua voz fosse ouvida por todos os homens do planeta, rematou com serena nobreza: - Fôra melhor que me procurasses publicamente e na hora mais clara do dia, para que pudesses adquirir, de uma só vez e para toda a vida, a lição sublime da fé e da humildade... Mas eu não vim ao mundo para interrogar as leis supremas da Natureza e venho ao encontro do teu coração desfalecido!...”

“(...) Depois de longos anos de desvio do bom caminho, pelo sendal dos erros clamorosos encontras, hoje, um ponto de referência para a regeneração de toda a tua vida.

Está, porém, no teu querer o aproveitá-lo agora ou daqui a alguns milénios... Se o desdobramento da vida humana está subordinado às circunstâncias, és obrigado a considerar que elas existem em toda a natureza, cumprindo às criaturas a obrigação de exercitar o poder da vontade e do sentimento, buscando aproximar seus destinos das correntes do bem e do amor aos semelhantes.

Soa para o teu espírito, neste momento, um minuto glorioso, se conseguires utilizar tua liberdade para que seja ele, em teu coração, doravante, um cântico de amor, de humildade e de fé, na hora interminável da redenção, dentro da eternidade...

Mas ninguém poderá agir contra a tua própria consciência, se quiseres desprezar indefinidamente este minuto ditoso!

Pastor das almas humanas, desde a formação deste planeta, há muitos milénios venho procurando reunir as ovelhas tresmalhadas, tentando trazer-lhes ao coração as alegrias eternas do reinado de Deus e de sua justiça!...

(...) Todos os poderes do teu império são bem fracos e todas as suas riquezas bem miseráveis... As magnificências dos césares são ilusões efêmeras de um dia, porque todos os sábios, como todos os guerreiros, são chamados no momento oportuno aos tribunais da justiça de meu Pai que está no Céu. Um dia, deixarão de existir as suas águias poderosas, sob um punhado de cinzas misérrimas. Suas ciências se transformarão ao sopro dos esforços de outros trabalhadores mais dignos do progresso, suas leis iníquas serão tragadas no abismo tenebroso destes séculos de impiedade, porque só uma lei existe e sobreviverá aos escombros da inquietação do homem – a lei do amor, instituída por meu Pai, desde o princípio da criação...”

Aqui, Jesus refere a águia romana, naquele país representada por Pilatos, mas depois, na sua condenação os grandes do país não o condenaram em troca de Barrabás, um criminoso confesso e conhecido por todos os seus crimes? A condenação do Justo, a maneira como recusaram a estada do Messias ali, entre todos, não estará a repercutir até ao Hoje, porque a ‘dívida’ ainda não está saldada? E todos aqueles participantes não estarão presentes, também, no AGORA?

Pensamos nesta situação e pensamos, igualmente, na situação do nosso próprio país – porque cada um tem o seu determinismo ou, se quiserem, o seu karma, e relacionamos como estamos todos endividados pela falta do amor manifesta de cada vez, século após século, até que o aprendamos a sentir, a manifestar e a viver... Cremos que só então, realmente, a humanidade conhecerá a felicidade na Terra, seja qual for a localidade a que pertença. Então, que a comemoração (triste) deste Natal ensombrado pelas guerras que grassam pelo mundo seja o último Natal sem amor no planeta: que os homens aprendam, finalmente, que sendo o ‘Amor de essência divina’ e tendo cada um de nós uma partícula divina em si dessa mesma essência, aprendamos finalmente que o importante, o mais importante, será sempre o sabermos e vivermos AMOR. Um Santo Natal para todos.

A DIRECÇÃO

P.S.: Dedicamos este número ao NATAL: que ele ajudar cada um dos seus leitores, a que o “seu” Natal seja de Amor e Paz.

CRISTO

Jesus Cristo não veio destruir a lei, isto é, a lei de Deus; veio dar-lhe cumprimento, desenvolvendo-a e imprimindo-lhe o seu verdadeiro sentido, amoldando-a ao grau de aprimoramento dos homens. Por isso nela se encontra o princípio dos deveres para com Deus e para com o próximo, base da sua doutrina. No que tange às leis de Moisés, propriamente ditas, ao contrário, modificou-as profundamente, quer na substância, quer na forma. Insurgindo-se de modo constante contra o abuso das práticas exteriores e as falsas interpretações, não as podia ter submetido a mais radical reforma do que sintetizando-as numa única prescrição: “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”, aditando: “aí estão toda a lei e os profetas”.

Com estas palavras: “o Céu e a Terra não passarão enquanto não se cumprir tudo até ao último jota”, Jesus quis dizer que era imperioso que a lei de Deus recebesse seu cumprimento; por outras palavras, que fosse praticada sobre a Terra em toda a sua pureza, com todo desenvolvimento e todas as suas consequências. De que então serviria essa lei se fosse privilégio de alguns poucos homens ou de um só povo? Todos os homens sem distinção, sendo filhos de Deus, são objecto de igual solicitude.

Mas a missão de Jesus não foi apenas a de um legislador moralista, sem outra autoridade além daquela expressa por suas palavras; veio cumprir as profecias que anunciavam o seu advento, sendo investido de uma autoridade que lhe vinha da natureza excepcional de seu Espírito e da sua missão de cunho divino, veio ensinar aos homens que a verdadeira vida não está sobre a Terra, mas nos planos espirituais superiores; veio ensinar-lhes o caminho que a ela conduz, os meios para aproximar-se de

Deus, e fazer pressentir a marcha das coisas porvindouras, para o cumprimento dos destinos humanos. Entretanto, Jesus Cristo não disse tudo, e sobre muitos pontos limitou-se a depositar o germe das verdades que ele próprio declara não poderem ainda serem entendidas. Para alcançar o sentido velado de certas palavras era imperioso que novas ideias e novos conhecimentos viessem dar-lhes a chave; e estas ideias não podiam surgir antes de certo grau de maturidade do espírito humano. A Ciência devia contribuir poderosamente para a sua eclosão e desenvolvimento, sendo portanto, imprescindível dar tempo a que a Ciência progredisse.

ALLAN KARDEC

(In: O Evangelho Segundo o Espiritismo, ed. FEESP, tradução de Paulo Alves Godoy, capítulo I, “Não vim destruir a Lei”, n.ºs. 3 e 4).

*

Jesus é para o homem o tipo de perfeição moral a que pode aspirar a Humanidade na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo e a doutrina que ele ensinou é a mais pura expressão de sua lei, porque ele estava animado do Espírito divino e foi o ser mais puro que já apareceu na Terra. (...) – Allan Kardec: Livro dos Espíritos, perg. 625.

*

JESUS HOJE!

É inadiável o compromisso de acender as luzes do Evangelho na escuridão que domina o mundo

*

Ora, vós sois o corpo do Cristo e Seus membros em particular. – PAULO (1ª. Coríntios, 12:27)

Após a esplendente madrugada da Ressurreição testemunhada por Maria de Magdala, não se justifica mais mantermos “congelada” em nossas mentes a imagem do Cristo crucificado. Seus braços já não estão mais presos e sanguinolentos em eterna ancilose. Ficaram pregados por pouco tempo e logo já estavam outra vez em actividade, vez que Ele até hoje trabalha como também o faz o Pai Celestial...

Esclarece o Dr. Bezerra de Menezes¹: *“Ele, apesar de prosseguir crucificado pela ingratidão de muitos homens, é livre em nossos corações, caminha pelos nossos pés, afaga com as nossas mãos, fala em nossas palavras gentis e, só vê beleza pelos nossos olhos fulgurantes, como estrelas luminescentes no silêncio da noite.”*

Os Espíritas temos que levar por toda a parte as notícias do Reino de Deus, expandindo-as por todos os rincões da Terra, já que ouvimos as palavras da Revelação. Não mais amanhã ou posteriormente. Não podemos postergar ainda mais a propagação

das já milenares palavras de Jesus, agora resgatadas em espírito e verdade pela abençoada Doutrina dos Espíritos.

Jesus hoje!...

Temos o inadiável compromisso de acender na escuridão que domina o mundo, o Sol de Seu Evangelho.

Aprendemos com Emmanuel²: “O Espiritismo é a ciência que inquire, investigando e confirmando a Imortalidade. É a filosofia que equaciona os enigmas do comportamento humano; mas é, principalmente, a Religião-Amor que nos une como verdadeiros irmãos, sem distinção de raça, de fronteira, de posição social, eliminando tudo aquilo que separa os homens...”

Jesus é o mesmo hoje, como O era há dois mil anos.

Propusemo-nos ao trabalho de renovar a Terra; candidatamo-nos à obra de edificação do bem; abrimos os braços para o amor expandir-se em hino de solidariedade universal; pesquisamos para adquirir a certeza; elucidamos os enigmas para que não pairasse a dúvida. Agora, é a acção.

Não é admissível que alguém entregue o Espírito à direcção do Cristo e a veste corporal aos adversários da Luz Divina.

Onde estivermos, atendamos ao impositivo de nossas tarefas, convencidos de que nossas mãos substituem as do Celeste Trabalhador, embora em condição precária.

O Senhor age em nós a favor de nós mesmos.

É indiscutível que Jesus pode tudo, mas, para fazer tudo, não prescinde da colaboração do homem que lhe procura as determinações. Os cooperadores fiéis do Evangelho são o corpo de trabalho em Sua obra redentora.”

Não há por que temer ficar só. Nos momentos mais rudes, Ele estará sempre por perto, amparando-nos, guiando-nos e incentivando-nos com Suas doces palavras. “*Tende bom ânimo; eu venci o mundo*”, como a dizer-nos: podeis fazer o mesmo, se quiserdes.

1 . FRANCO, Divaldo. *Compromissos iluminativos*. Salvador; LEAL, 1991.

2 – XAVIER, F. Cândido. *Vinha de Luz*. 19 ed. Rio (de Janeiro), 2003, cap. 148.

ROGÉRIO COELHO

Manhuaçu – M. Gerais – Brasil

*

“AMAI BASTANTE...”

“*Amai bastante para serdes amados*”. – SANSÃO, Espírito : E S E, cap. XI, nº. 10.

Um dia, há alguns anos atrás, escrevendo para uma moça que me pedira apoio surgiram, preto no branco, as seguintes palavras que, não reconhecendo como minhas, ficaram entretanto registadas como um conselho que foi para as duas: “Dá amor, ainda que em troca de nada”.

Penso que todos nós erramos quando pensamos em Amor, porque imaginamos aquele sentimento banal, quase... corriqueiro, que tantas vezes referimos como sendo o melhor que temos para dar, mas... será esse sentimento, se assim lhe podemos chamar, aquele que classifica o Amor sincero, verdadeiro, capaz de se dar em troca de nada, apenas na preocupação de auxiliar, de ajudar, de derrubar as barreiras que estão no caminho do outro – esse mesmo que queremos ajudar? Ou ainda, aquele outro, que apoia a renúncia, a dádiva total, como o de um pai para com um filho?

Há alguns séculos atrás Platão, o filósofo grego aluno de Sócrates, escreveu: “*Aquele a quem o amor toca não anda na escuridão.*”

Quando Jesus falou em Amor, Ele sentia-o da mesma maneira que nós, depois, o intentámos fazer? Creio que não, porquanto o seu Amor era de uma dádiva total, de quem ama sem julgamentos, e porque assim o faz tanto beneficia o justo como o pecador, o são como o criminoso. É um Amor de quem está a oferecer sem reservas o que tem de melhor, para que esse melhor consiga, de alguma maneira, modificar o que está errado no outro – errado ou a pesar tanto que ninguém consegue aproximar-se para ajudar a ‘carregar aquela cruz’!

Carregar a cruz: ninguém a pode carregar, a não ser o próprio, porque ela está sempre relacionada com a Lei de Causa e Efeito que a cada um afectou; ninguém a pode carregar, mas pode sempre ajudar com palavras de alento, com gestos de amizade e carinho... com Amor, em suma! E é este Amor que torna tudo diferente porque, afinal, ele também é diferente: é o Amor desinteressado de quem quis, apenas, aplanar um caminho

que não era o seu! E este Amor, que se pode manifestar de muitas maneiras, acaba por ser, afinal, aquele que irradia da “semente” que Deus deixou em nós ao criar-nos porque é, também ele, ainda que por derivação, um sentimento divino, e embora todos nós tenhamos aquele “cunho divino” na nossa Criação, cada um é um ser independente que age, vibra, ri e chora de maneira diferente, talvez porque não vivemos esse sentimento de igual modo, talvez porque a evolução de cada um seja diferente embora a Criação seja a mesma. E, então, damos por nós a orar pelos outros porque orar é, ainda, um acto de amor... e enquanto nos lembramos de todos os outros orando, acreditamos que Deus olha também por nós!

E se o Espírito Lázaro afirma que “*O Amor resume a doutrina de Jesus toda inteira*”, o Espírito Fénelon, por sua vez, lembra-nos que “*O Amor é de essência divina e todos vós, do primeiro ao último, tendes, no recesso do coração, a centelha desse fogo sagrado*”. E acrescenta ainda, no número 9 do capítulo XI de ‘O Evangelho S/o Espiritismo’: “*Os efeitos da lei do amor são o aperfeiçoamento moral da raça humana e a felicidade durante a vida terrena. Os mais obstinados e os mais viciosos deverão reformar-se quando presenciarem os benefícios resultantes da prática deste preceito: Não façais aos outros o que não quereis que os outros vos façam, mas fazei, pelo contrário, todo o bem que puderdes.*”

Voltamos atrás, a recordar a afirmativa de Platão: realmente, quando em algum momento da nossa existência “sentimos” o Amor a envolver-nos e, mais, como que a comandar-nos, apetece-nos debruçarmo-nos sobre todos e cada um e gritar-lhes do nosso sentir pelos seres – os que nos rodeiam e aqueles outros que apenas sabemos que existem porque Deus –

o nosso Pai – está sempre a criar! Assim sendo, chegamos à conclusão que afinal não amamos só por amar, por sentir, por quereremos doar qualquer coisa, ainda que essa “qualquer coisa” acabe por ser o que existe de melhor em nós, ainda que esse melhor possa ser frágil, tão frágil como “pequenos” ainda somos; mas porque o empenho que colocarmos na caminhada que vamos fazendo – enquanto aquela Luz, diferente de todas as outras, brilhe lá longe a atrair-nos e a proteger-nos também, como um outro farol a orientar-nos no caminho – esse empenho acaba por ser o aliciamento de que necessitamos para atingirmos a meta. O tempo de percurso dependerá desse mesmo empenho, mas, mais cedo ou mais tarde, todos a atingiremos, a essa meta, porque Deus é Amor e o seu Amor- queiramos ou não – vive em nós, a envolver-nos, a acalantar-nos e proteger-nos, a multiplicar-se, para que um dia demonstremos, na nossa maneira de ser e agir, que somos criaturas divinas que se dão... por Amor! ... E concluímos, assim, que o importante é aprendermos a amar sem reservas de qualquer espécie, para sermos sempre capazes de nos doarmos a qualquer um – seja ou não necessitado de Amor! E para não esquecermos essa aprendizagem, ainda vigora aquela recomendação de Jesus: **Amem-se, uns aos outros, como Eu vos ame!** E porque o Tempo é intemporal na sua contagem, um dia – não importa quando – um dia havemos de o conseguir fazer e a Terra ou qualquer outro mundo onde habitemos será, finalmente, aquele oásis de Paz e Luz que hoje apenas imaginamos que existe, mas que numa época mais ou menos distante, mais tarde ou mais cedo fará também parte do nosso viver!

MANUELA VASCONCELOS

NATAL ESPÍRITA

Natal é tempo de reencontro com Jesus

Gostaria de começar este artigo revisando uma lição da escola. Lá pelo 6º ano, aprendemos que, quando combinados na frase, adjectivos determinam substantivos, ou seja, ampliam, restringem e dão-lhe determinadas nuances semânticas. Este é o caso da expressão *Natal Espírita*. O adjectivo espírita empresta ao substantivo natal uma conotação toda particular que o distingue de natal, simplesmente, que significa nascimento, festa cristã.

Assim, podemos pensar que há diferentes natais. Há o Natal católico, evangélico, espírita, consumista...

Portanto, cabe a pergunta: ao acrescentar o adjectivo espírita ao substantivo natal o que de facto se torna singular? Quais as características? Em que esse natal difere dos demais?!

É específica do Espiritismo a definição de Jesus como Espírito mais evoluído que Deus mandou à Terra para nos servir de *modelo e guia*, conforme nos assevera o Codificador na questão 625 de *O Livro dos Espíritos*.

Essa definição, ao lado da leitura da biografia de Jesus como uma doação de amor à Terra, ajuda-nos a configurar um sentido específico para Natal como oportunidade na qual, de modo mais intenso, nos voltamos para Ele, na tentativa de estabelecermos um contacto profundo, tendo em vista pautarmos a nossa vida no rumo da transformação moral e dos esforços para

superar as nossas más inclinações, segundo Kardec, no item 4 do cap. XVII d’*O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

Tendo essa ideia em tela e relendo o livro ‘Antologia Mediúnica do Natal’, psicografado por Chico Xavier, conseguimos identificar algumas características do Natal Espírita. Uma, é que o Natal é um momento de partilha. Por isso, era tão caro a Chico Xavier a distribuição de géneros alimentícios para a ceia de Natal. O entendimento é que a comunidade espírita não deve deixar que seus irmãos passem fome no dia que é o mais importante. As instituições espíritas seguiram o exemplo de Chico (copiado depois por muitas ONGs) e, ainda hoje, quando o Brasil atravessa um momento de melhoria das condições objectivas de vida, devido aos programas governamentais de segurança alimentar, preocupam-se com a ceia de natal dos seus irmãos menos favorecidos.

Outra característica é a de que Natal é tempo de reencontro com Jesus. O Espírito João Carvalho, em mensagem publicada no livro citado, sinaliza que o momento não é Apenas de festa no coração e no lar, mas também de reafirmação de nossa atitude cristã perante a vida. Já o Espírito Aparecida adverte-nos de que no Natal Jesus deve nascer no altar do coração. Isto posto, cabe-nos a reflexão sobre se estamos na sintonia com o Mestre ou se ainda estamos esperando que Ele nos atenda.

Também é característica do Natal Espírita o atendimento às dores alheias.

Na obra citada anteriormente encontramos vários autores defendendo essa tese. Destacamos Casimiro Cunha na estrofe:

*No Natal, não olvides a oração
Cheia de fé e de amor
Por quem passa, sobre a Terra,
Encarcerado na dor.*

Da mesma forma, o Espírito Leôncio diz:

*Enquanto enfarpelas
Teu salão aurifulgente,
Desfilam junto às janelas
As dores de muita gente.*

Essas advertências levam-nos a pensar que juntamente com a distribuição de gêneros alimentícios como parte da emoção trazida pelo Natal, em breve, as casas espíritas deverão abrir, nesse período, plantões de atendimento fraterno a fim de oferecer mais oportunidades de consolação, pois, o acompanhamento dos factos leva-nos a crer que na mesma proporção em que a sociedade resolve os problemas estruturais relativos à pobreza, crescem os problemas de ordem emocional e moral, para os quais as teses espíritas são indispensáveis para resolução.

Uma característica que se junta às demais é a da simplicidade, pois as condições de nascimento do Aniversariante não combinam com ostentação.

Outra característica pouco lembrada é a moderação no consumo de carne. O Espírito Emmanuel recomenda: “*Na celebração do Natal, diminui o quanto possível a matança dos animais – nossos companheiros na romagem evolutiva. Não olvidemos que o Senhor encontrou junto deles o seu primeiro lar na insegurança da estrebaria*”. Sobre o tema, vale a pena ler o

capítulo ‘Perú Pregador’, da autoria de Neio Lúcio, na mesma obra.

Se Emmanuel adverte sobre consumo de carne, o que não diria sobre o consumo de bebidas alcoólicas.

Por fim, uma característica malienável do Natal diz respeito ao Evangelho no Lar. Na obra ‘Messe de Amor’, Joanna de Ângelis recomenda a realização dessa prática pelo menos uma vez por semana para termos Jesus conosco. Nessa data, então, o Evangelho com os familiares torna-se imprescindível. Como já vivemos outros tempos de tolerância religiosa, chega a ser anacrônico se algum familiar de outra denominação religiosa se opuser. Ainda assim, o convite para a reunião em família deve vigor em nome da convivência ecuménica.

Natal Espírita é momento de reafirmação da nossa convicção e, não obstante as imperfeições que nos assinalem as atitudes, vale lembrarmos da definição de Joanna de Ângelis, em ‘Rumos Libertadores’: “*Mede-se o cristão, por especial medida, da cabeça para cima, segundo os ideais em pauta.*” E com isso fazer um Natal diferente: um Natal-Espírita.

DENISE LINO

(In: Boletim nº. 39, ano IV, de Dezembro de 2013, da AME MURIAÉ – Aliança Municipal Espírita de Muriaé, na R. de Santa Catarina, 47ª – Muriaé – Centro – M. Gerais, Brasil).

*

Natal é sempre que o homem quiser...

A MANJEDOURA

As comemorações do Natal conduzem-nos o entendimento à eterna lição de humildade de Jesus, no momento preciso em que a sua mensagem de amor felicitou o coração das criaturas, fazendo-nos sentir, ainda, o sabor de actualidade dos seus divinos ensinamentos.

A Manjedoura foi o caminho. A exemplificação era a Verdade. O Calvário constituía a Vida.

Sem o Caminho, o homem terrestre não atingirá os tesouros da Verdade e da Vida.

É por isso que, emaranhados no cipoal da ambição menos digna, os povos modernos, perdendo o roteiro da simplicidade cristã, desgarram-se da estrada que os conduziria à evolução definitiva, com o Evangelho do Senhor. Sem ele, que vconstitui o transunto de todas as ciências espirituais, perderam-se as criaturas humanas, nos desfiladeiros escabrosos da impiedade.

Debalde, invoca-se o prestígio das religiões numerosas, que se afastaram da Religião Única, que é a Verdade ou a Exemplificação com o Cristo.

Com as doutrinas da Índia, mesmo no seio de suas filosofias mais avançadas, vemos os párias miseráveis morrendo de fome, à porta sumptuosa dos pagodes de ouro das castas privilegiadas.

Com o budismo e com o sintoísmo, temos o Japão e a China mergulhados num oceano de metralha e de sangue.

Com o Alcorão e com o judaísmo, temos as nefandas disputas da Palestina.

Com o catolicismo, que mais de perto deveria representar o pensamento evangélico, na civilização ocidental, vemos basílicas sumptuosas e frias, onde já se extinguíram quase todas as luzes da fé. Aí dentro, com os requintes da ciência sem consciência e do raciocínio sem coração, assistimos a guerras absurdas da conquista pela força, identificamos o veneno das doutrinas extremistas e perversoras, verificamos a onda pesada de sangue fraticida, nas revoluções injustificáveis, e anotamos a revivescência das perseguições inquisitórias da Idade Média, com as mais sombrias perspectivas de destruição.

Um sopro de morte atira ao mundo actual supremo cartel de desafio.

Não obstante o progresso material, sente a alma humana que sinistros vaticínios lhe pesam sobre a fronte. É que a tempestade de amargura na dolorosa transição do momento significa que o homem se mantém muito distante da Verdade e da Vida.

As lembranças do Natal, porém, na sua simplicidade, indicam à Terra o caminho da Manjedoura... Sem ele, os povos do mundo não alcançarão as fontes regeneradoras da fraternidade e da paz. Sem ele, tudo será perturbação e sofrimento nas almas, presas no turbilhão das trevas angustiosas, porque essa estrada providencial para os corações humanos é ainda o Caminho esquecido da Humildade.

EMMANUEL

CRÓNICA DE NATAL

Desde a ascensão de Herodes, o Grande, que se fizera rei com o apoio dos romanos, não se falava na Palestina senão no Salvador que viria enfim...

Mais forte que Moisés, mais sábio que Salomão, mais suave que David, chegaria em sumptuoso carro de triunfo para estender sobre a terra as leis do Povo Escolhido.

Por isso, judeus prestigiosos, descendentes das doze tribos, preparavam-lhe oferendas em várias nações do mundo.

Velhas profecias eram lidas e comentadas, na Fenícia e na Síria, na Etiópia e no Egito.

Dos confins do Mar Morto às terras de Abilena, tumultuavam notícias da suspirada reforma...

E mãos hábeis preparavam com devotamento e carinho o advento do Redentor.

Castiçais de ouro e prata eram burilados em Cesareia, tapetes primorosos eram tecidos em Damasco, vasos finos eram importados de Roma, perfumes raros eram trazidos de remotos rincões da Pérsia... Negociantes habituados à cobiça cediam verdadeiras fortunas ao Templo de Jerusalém, após ouvirem as predições dos sacerdotes, e filhos tostados do deserto vinham de longe trazer ao santuário da raça a contribuição espontânea com que desejavam formar nas homenagens ao Celeste Renovador.

Tudo era febre de expectativa e ansiedade.

Palácios eram reconstruídos, pomares e vinhas surgiam cuidadosamente podados, touros e carneiros cabras e pombos eram tratados com esmero para o regozijo esperado.

Entretanto, o Emissário Divino desce ao mundo na sombra espessa da noite.

Das torres e dos montes, hebreus inteligentes recolhem a grata notícia... Uma estrela estranha rutila no firmamento.

O Enviado, porém, elege pequena manjedoura para seu berço de luz.

Milícias angelicais rejubilam-se em pleno céu... Mas nem príncipes, nem doutores, nem sábios e nem poderosos da Terra lhe assistem a consagração comovente e sublime.

São pastores humildes que se aproximam, estendendo-lhes os braços. Camponeses amigos trazem-lhe peles surradas. Mulheres pobres entregam-lhe gotas de leite alvo.

E porque as vozes do céu se fazem ouvir, cristalinas e jubilosas, cantam eles também...

- “Glória a Deus nas alturas, paz na Terra, boa vontade para com os Homens”...”

Ali, na estrebaria singela, estão Ele e o povo...

E o povo com Ele inicia uma nova era...

*

É por isso que o Natal é a festa da bondade vitoriosa.

Lembrando o Rei Divino que desceu da Glória à Manjedoura, reparte com teu irmão tua alegria e tua esperança, teu pão e tua veste. Recorda que Ele, em sua divina magnificência, elegeu por primeiros amigos e benfeitores aqueles que do mundo nada possuíam para dar, além da pobreza ignorada e singela.

Não importa sejas, por enquanto, terno e generoso para com o próximo somente um dia... Pouco a pouco aprenderás que o espírito do Natal deve reinar connosco em todas as horas de nossa vida.

Então, serás o irmão abnegado e fiel de todos, porque, em cada manhã, ouvirás uma voz do Céu a sussurrar-te, subtil:

- Jesus nasceu! Jesus nasceu!...

E o Mestre do Amor terá realmente nascido em teu coração para viver contigo eternamente.

IRMÃO X

(Este artigo e o anterior fazem parte do livro “Antologia Mediúnica do Natal”, psicografado pelo médium brasileiro Francisco Cândido Xavier, e editado pela FEB em 34ª ed., em Abril de 2002).

*

UM SONHO, NO NATAL

A criança deitou-se no catre onde o enxergão de palha velha há muito gritava a necessidade de substituição: cheirava a podre e, no inverno, o cheiro a bolor dizia da humildade que ali se tinha acumulado ao longo dos anos... mas era a única possibilidade de o seu corpo franzino não sentir a friagem do chão de terra batida, bem pior que o incomodo que aquela palha velha lhe oferecia.

Joãozinho já conhecera melhores dias, já vivera numa casa bonita, toda pintadinha de claro, onde o seu quarto se rasgava em duas janelas amplas que deitavam para um jardim de flores mimosas que perfumavam o ambiente. No tempo quente, com as janelas abertas de noite, ele saboreava, na cama onde se aconchegava, o perfume das flores do jardim que sempre chegavam até ele.

No resto da casa viviam os paizinhos; diariamente, deixavam-no no colégio e, depois, iam os dois para o trabalho. À tardinha, no regresso a casa, sempre o iam buscar e que alegria sentir os abraços com que os dois sempre o presenteavam! Depois, enquanto a mãe preparava o jantar, sentado numa cadeira, à mesa da cozinha, o pai falava com ela do que fizera durante o dia, das conversas que tivera com os clientes e os colegas de trabalho, e comentavam, os dois, as notícias que os jornais publicavam.

Sentado no chão, à beira dos dois, João brincava mas, sorridente, volta que não volta, levantava-se, chegava-se a um e a outro, dava e reclamava um carinho para, depois, voltar às brincadeiras.

Anichado na palha dura e com o corpo coberto por uma manta esburacada, João suspirou: como ele tinha saudades daquele tempo em que fora tão feliz! Como passara depressa e durara tão pouco!

Um dia, como de costume, depois de o terem deixado no colégio, o tempo passara, célere, enquanto ele contava as horas para a chegada dos paizinhos, mas passara a hora do costume e eles não apareceram. Mais tarde, bem mais tarde, chegara a polícia a informar a directora escolar que tinha havido um grande acidente de automóveis e os pais – os seus paizinhos – tinham morrido os dois!

O desespero tomara conta de si e depois, muito depois, dera-se a perguntar como é que ia ser, com quem iria viver?

A directora e as autoridades procuraram por familiares seus e descobriram, na aldeia onde os três costumavam ir passar o Natal, um tio que aceitou recebê-lo. Os avós também tinham partido nesse ano e, de repente, João via-se órfão e sem mais família.

Na aldeia, ele não tardou a descobrir que mais que um familiar que tomasse conta de si, o tio recebera-o para ter mais um criado que o servisse... Com o passar dos tempos, a fome da comida sempre regateada e as pancadas que, sob a acção da bebida alcoólica recebia de quem o devia acarinhar, foram modificando o corpito, antes sadio e, agora, de pele esticada que deixava adivinhar e contar todos os ossos... Ele até costumava brincar consigo mesmo, e passar os dedos, corridos, pelas costelas, dizendo que estava a tocar música no seu acordeón privativo.

Que saudades do tempo vivido na cidade com os paizinhos! Que saudades do carinho, dos afagos então recebidos, tão diferentes da pancada com que, agora, era tratado!

O estômago doeu-lhe, num sinal da fome que sentia... Naquela noite nem sequer um caldo tomara, que nada lhe fora dado... A enganar a fome, mastigara uma casca de laranja que apanhara no chão e, depois de lavada, lhe dava ainda o sabor daquelas outras que comera dantes!

Nas ruas da aldeia, as luzes pequeninas e coloridas falavam para todos da festa que se comemorava na casa de cada um: era Natal!

Na Igreja, onde ele entrara às escondidas não fosse o tio estar presente e encontrá-lo, o senhor padre rezara a missa e falara do Menino que nascera para salvar os homens... Mas... e as crianças? Não mereciam, também, serem salvas, até mesmo dos maus tratos com que eram perseguidas? Porque não havia, num qualquer lugar, uma casa, um abrigo onde as crianças órfãs fossem acolhidas e tratadas como quando tinham os paizinhos ainda vivos?

Era tão grande, tão grande a saudade que tinha dos seus que, se os pudesse ver, ele seria a pessoa mais feliz do mundo, esqueceria os maus tratos, a fome, o frio, e sentir-se-ia um pequeno rei – bem mais poderoso, com certeza, que os reis verdadeiros de que os jornais falavam!

Um soluço surdo, meio abafado, cortou o silêncio do armazém onde ele dormia, num canto livre de sacas, alfaias, enxadas... Será que os órfãos eram todos tratados da mesma

maneira pelas famílias que os recolhiam? Não era suficiente a perda que tinham sofrido... ainda tinham de os fazer sentir que com a ausência dos pais tinham perdido o direito a tudo? Porquê, então, não perderem também o direito à vida?

Os soluços molhados foram rareando, ao mesmo tempo que o embalavam num sonho diferente... O corpo franzino já se habituara ao embalo, que durava há muitos meses... Mas, depois do embalo vinha o sono e, enquanto dormia, tudo era diferente!

Naquela noite, mal adormeceu, um amiguinho quase que da sua mesma idade, chamou-o.

- Anda! Não te atrases para não perderes nem um minuto da festa de Jesus! Ele costuma dar presentes às crianças que não têm paizinhos!

- Mas eu ouvi dizer que Jesus não existe... e quem dá os presentes são os pais e os avós! Eu já não tenho...

- Tens, sim! O facto de eles não estarem mais na Terra ao teu lado, não significa que deixaram de te amar! Eles recordam-te muitas vezes... falam e rezam por ti!

- Ah! Se isso fosse verdade!... Se isso fosse verdade, eu até deixava de reclamar de cada vez que me batem, só por ter a certeza que eles rezavam para eu não apanhar mais!

- Anda! Olha, vamos passar por aquela sala onde vais sentir o prazer de um banho...

- ... quentinho, como dantes? Sem ter que me lavar nas águas geladas do rio? (E logo, numa transição de voz) – Ah, que bom! Que água quentinha... e o sabonete perfumado! Até parece ser o mesmo perfume que eu cheirava... o perfume das flores do meu jardim!

João saboreava tudo: era como se o tempo tivesse arrancado todas aquelas folhas do calendário e ele voltasse a estar na sua casa, num tempo que não passara!

Correndo para a outra sala, a surpresa maior: os paizinhos, os dois, de braços abertos para eles, a afagarem-no, a acarinharem-no, a enche-lo de todos aqueles beijos de que era, afinal, a fome maior que ele sentia!

E no meio dos afagos, das palavras calorosas, a lamentação e as interrogações de quem se sente só:

- Porque me deixaram? Porque não esperaram que eu estivesse também no carro para termos vindo os três, e continuarmos juntos? É tão triste ser criança e não ter paizinhos, e estar só, entregue a pessoas que nos maltratam! Não me deixem voltar, por favor! Não me deixem voltar... não me deixem, nunca mais!

*

O padre, na Igreja, tinha dito que Jesus, às vezes, fazia milagres... e o milagre maior estava ali, naquele instante em que ele voltou a sentir o calor do amor de quem lhe queria tão bem, de quem o amava tanto!

Mas, mesmo nos sonhos, o tempo passa, rápido... De repente, um gesto de quem procura um pouco mais de calor na manta esburacada, e João acordou. Olhou em volta, notando a meia claridade do dia que nascia e invadia o armazém pelas frinchas da madeira que faziam de parede... Onde a luz e o calor da sala onde estivera? Onde os seus paizinhos, os seus beijos e abraços? Onde o prato da sopa, quentinha, que nem tiveram de o obrigar a comer, tal a fome que sempre tinha? Onde os doces com que o presentearam?

Um sonho, fora tudo um sonho!

João ficou quieto, um momento, recordando as horas acabadas de viver. Teriam sido mesmo... horas? Ou teriam sido só uns minutos?

Então, ele movimentou-se, os bracitos magros abraçando o próprio corpo: uma gargalhada feliz soltou-se dos seus lábios e ele riu, riu como há muito o não fazia. Tinha descoberto um mistério: Jesus, no Natal, dava às crianças órfãs o seu presente maior - dava-lhes, de novo, os paizinhos!

A partir daquele instante ele iria estar sempre feliz, contando os dias todos, um após outro, para que... quando fosse outra vez Natal Jesus o levasse de novo a sentir a mesma felicidade daqueles instantes!

Afinal, Jesus existia e amava todas as crianças!

MANUELA VASCONCELOS

Dedicado a todas as crianças que não têm Natal.

APASCENTA O MEU REBANHO

Ainda predominavam nas almas saudosas a melancolia e a dor quase insuportável.

Não obstante os acontecimentos festivos mais recentes, pairavam nos seus corações e mentes as lembranças do Amado...

É verdade que Ele retornara do túmulo e dialogara com eles. Não, porém, como acontecera anteriormente.

A glória do reencontro parecia-lhes uma aguarela de luz na lembrança, enquanto aqueles dias, que precederam ao Calvário, eram toda uma sinfonia mística, a cantar na memória das suas recordações.

Nunca mais as suas seriam as mesmas vidas, nem eles voltariam a ser como antes.

Arrancados do anonimato e da simplicidade de homens do povo, eles viram-se subitamente atirados ao torvelinho da grande revolução ideológica. É certo que não tinham dimensão da grandeza dos acontecimentos passados nem dos porvindouros. Apesar disso, podiam pressenti-los e temiam.

Permanecia naquela querida região a presença d'Ele, que impregnara o mar, suas cercanias, com o Seu sublime canto. Cada recanto e aldeia, cada cidade e lugar, possuíam marcas da Sua passagem, e suas Pegadas faziam-se visíveis no povilêu, nos aglomerados de pessoas, nos comentários gerais.

Retornando às actividades anteriores, sem terem ideia exacta do que fazerem, os companheiros surpreendiam-se chorando, evocando os episódios que ali sucederam e deveriam abalar as estruturas da Humanidade, qual ocorreu depois.

Tentavam recordar cada facto e acontecimento, mantendo—Lhe viva a memória nos comentários incessantes, repassados de ternura e melancolia.

Jesus fora o divisor dos tempos e assinalaria de forma especial a Nova Era com a Sua mensagem.

+

Eles pescavam – narra João (João, 21: 15 a 23) – e nada haviam conseguido.

Subitamente, um estranho, da praia sugeriu-lhes que atirassem as redes para o lado direito da barca, e, ao fazê-lo, por pouco *não se romperam* ao serem recolhidas.

Retiraram das águas calmas cento e cinquenta e três peixes grandes...

Imediatamente reconheceram o Mestre, que ali estava como no passado, vivo e estuante, sorrindo e jovial, superando todas as expectativas do desencanto pelo Seu desaparecimento, que ainda era comentado.

Almoçaram com a alacridade de outrora.

Ao terminar, *à tarde*, Ele assumiu a postura habitual e, acercando-se de Pedro, interrogou-o com doçura:

- *Simão, filho de João, amas-me mais do que a estes?*

A interrogação inesperada fulminou o amigo pescador, que se recordou das negações, envergonhando-se. Porém, honesto e firme, redarguiu:

- *Sim, Senhor. Tu sabes que Te amo.*

A resposta soou como doce campana no ar.

O Mestre relanceou o olhar pelo grupo sorridente, ingénuo, e disse:

- *Simão, apascenta os meus cordeiros.*

Acto contínuo, indagou, com preocupação na voz:

- *Simão, filho de João, amas-me?*

Surpreso, o discípulo contestou:

- *Sim, Senhor, Tu sabes que Te amo.*

Houve um silêncio rápido e profundo, após o que pediu:

- *Pastoreia as minhas ovelhas.*

Suave música da natureza, trazida pela brisa do mar, parecia uma moldura de vibrações elevadas para a tela que formava o cenário do diálogo.

Por terceira vez, Ele inquiriu:

- *Simão, filho de João, amas-me?*

O discípulo, emocionado, chorou e ripostou:

- *Senhor, Tu conheces todas as coisas, Tu sabes que Te amo. Por que me interrogas por três vezes?*

- *Se me amas, apascenta as minhas ovelhas.*

Penetrando nos tempos do porvir, Jesus sabia das dificuldades para pastorear o rebanho; da diversidade de ovelhas a apascentar; das problemáticas de cada época; das defecções humanas... Mas era necessário resguardar os candidatos ao rebanho, e Simão, na primeira etapa, por amor, que é a sublime canção que Ele sempre entoara, deveria ser o condutor.

... E enquanto o silêncio se enriquecia de reflexões e visões de um longínquo futuro de bem-aventuranças, Jesus prosseguiu:

- *Quando eras mais moço, tu te cingias e andavas por onde querias. Quando fores velho, estenderás as tuas mãos e outro te cingirá e te levará para onde não queres...*

Simão percebeu que seria conduzido ao matadouro por estranhas mãos. Isto, porém, não lhe importava naquele momento. O Mestre ali estava, e isto, sim, era-lhe tudo. Desejava sorver até à última gota a Sua presença.

Mas Ele prosseguiu falando, anunciando que João, o discípulo amado, não provaria da morte pelo martírio... Seria poupado por amar demais, porém os outros...

O amor supre todas as necessidades, elimina todos os erros, porque propicia renovação e reparação.

O amor é o perene amanhecer, após as sombras ameaçadoras.

A palavra de Jesus, na tônica do amor, é a canção sublime que embalou Sua época e até hoje constitui o apoio e a segurança das vidas que se lhe entregam em totalidade.

Simão reuniu as ovelhas, conduziu-as com carinho e compreendeu, afeiçoado, o ministério que lhe cumpria realizar.

Ao encerrar a jornada na cruz do martírio, pôde deixar por e com amor o rebanho unido, fiel, seguindo no rumo da Luz.

- ... *Sim, Senhor, eu te amo.*

- *Então, apascenta o meu rebanho...*

AMÉLIA RODRIGUES

(In: O TRIGO DE DEUS, cap. 25. Psicografia do médium brasileiro Divaldo P. Franco. Ed. Livraria Espírita Alvorada, Salvador, Bahia, Brasil, 1993).

APELO

Jesus! Mestre e Senhor Nosso! Abençoa-nos o anseio de servir-Te!

... Mestre, compreendemos as dificuldades com que somos defrontados no caminho a percorrer!

... Auxilia-nos a reconhecer que os obstáculos nascem habitualmente de nós mesmos. E abraçando os deveres do auto-aperfeiçoamento, diante de teus ensinamentos, ampara-nos o propósito de educar-nos para que te possamos corresponder à bondade e à misericórdia infinitas..

... Induz-nos a encontrar nos irmãos de experiência do dia a dia a oportunidade de trabalhar em teu nome.

... Dá que sejamos a compreensão à frente da discórdia; a esperança diante da amargura; a alegria perante a dor e a fé no campo incendiado do desespero.

Senhor!

Reune-nos, de novo, em teu Evangelho de Amor e Luz, p

... Não permitas que a desunião nos destrua a edificação da bênção em que nos encontramos, e apoia-nos para que o presente se nos converta em posição de serviço para o levantamento da Vida Maior.

... Clareia-nos a palavra para que a nossa palavra abençoe e alivie, eduque e eleve!... E recebe, por misericórdia, as nossas mãos para que as nossas mãos não se afastem da lavoura que nos deste a cultivar para a colheita do Bem Eterno!

Senhor!

Acolhe-nos a todos, cada qual de nós na tarefa que fomos chamados a cumprir em Tua Infinita Misericórdia e que a tua Vontade se faça em nós e em louvor de todos nós, onde estivermos, hoje e sempre.

BEZERRA

(In: BEZERRA, CHICO E VOCÊ, pgs.. 133/135. Psicografia de Francisco C. Xavier, em 14/10/1972. Edição GEEE, 5ª ed., 1980).

*

Um Santo Natal para todos.

*Que a Paz se faça no coração de cada Homem,
Para que haja PAZ em todo o mundo e, então, todos
Possam dizer com fé e amor:*

**GLÓRIA A DEUS NAS ALTURAS E
PAZ NA TERRA AOS HOMENS POR ELE
AMADOS.**

*